



1ºTen (FN) Murilo Nogueira Rocha
murilo.rocha@marinha.mil.br

Desafios no preparo do Oficial para o CFN do Futuro



O 1ºTEN (FN) MURILO serve atualmente no 1ºBatalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais, Batalhão Riachuelo, como oficial de Inteligência. É oriundo de Escola Naval, cursou o Curso de Aperfeiçoamento em Guerra Anfíbia e Expedicionária. É, também, cursado em Operações Psicológicas.

Resumo

A formação do oficial subalterno do Corpo de Fuzileiros Navais é um processo que abrange diversas fases, desde sua admissão na Escola Naval/CIAW até sua ascensão ao posto de Capitão-Tenente. Este processo de formação está em constante evolução, seja no ambiente acadêmico ou efetivamente no terreno, interagindo com a tropa. O estudo em questão buscou analisar cada etapa do desenvolvimento do oficial subalterno, identificando lacunas e propondo melhorias no programa de formação. A pesquisa empregou variadas metodologias, incluindo a consulta a manuais nacionais e estrangeiros, análise de currículos de cursos de formação e investigação através de plataformas digitais junto a oficiais subalternos, aspirantes da Escola Naval e ex-oficiais que optaram pelo desligamento do serviço ativo nos estágios iniciais de suas carreiras. O objetivo foi mapear o processo de formação, destacando possíveis oportunidades de aprimoramento. Ao final da análise, foi elaborado um levantamento dos Desafios para o Futuro, delineando como a formação do oficial subalterno pode ser estrategicamente orientada para mitigar as dificuldades decorrentes de um cenário mundial em constante transformação. A abordagem do estudo visou não apenas compreender a trajetória educacional, mas também propor diretrizes que fortaleçam a capacidade adaptativa e a excelência profissional do oficial subalterno do CFN.

Palavras-chave: Corpo de Fuzileiros Navais; CFN; oficial subalterno; Escola Naval; Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo; CIASC; Força de Fuzileiros da Esquadra; FFE; Centro de Instrução Almirante Wandenkolk; CIAW; United States Marine Corps; USMC.

Abstract

The training of the junior officer in the Marine Corps is a meticulous process that encompasses various phases, from admission to the Naval School/CIAW to promotion to the rank of Lieutenant Captain. This training process is constantly evolving, whether in the academic environment or effectively in the field through interaction with the troop. The study in question sought to meticulously analyze each stage of the junior officer's development, identifying gaps and proposing improvements to the training program. The research employed various methodologies, including consulting national and foreign manuals, analyzing curriculum of training courses, and investigating via digital questionnaires carried out with junior officers, Naval School cadets, and former officers who chose to leave active service in the early stages of their careers. The primary goal was to map the training process, highlighting possible areas for improvement. At the end of the analysis, a survey of Challenges for the future was elaborated, outlining how the training of the junior officer can be strategically oriented to mitigate difficulties arising from a world in constantly flux. The study's aimed not only to understand the educational trajectory but also to propose guidelines that strengthen the adaptive capacity and professional excellence of the junior officer of the Brazilian Marines.

Keywords: Brazilian Marine Cors; CFN; junior office; Brazilian Naval Academy; Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo; CIASC; Brazilian Fleet Marine Force; Centro de Instrução Almirante Wandenkolk; CIAW; United States Marine Corps; USMC.

Introdução

Tenente, do latim *tenere*, significa “manter, segurar, firmar”, aquele que é de confiança, que garante a manutenção de algum lugar ou de algo na ausência do seu dono. Com essa defi-

nição, iniciamos o presente estudo, o qual terá como objetivos: tentar entender a atual situação profissional, moral, intelectual e psicológica dos oficiais subalternos da atualidade; determinar

o que se espera de um oficial subalterno nas diferentes fases do seu ciclo; elencar quais são as necessidades e desafios para o preparo do oficial subalterno do futuro; estudar quais medidas podem ser adotadas para aprimorar, tornando mais eficiente, a formação dos oficiais subalternos do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN); e entender os motivos pelos quais os oficiais subalternos muitas vezes não permanecem no CFN.

As metodologias utilizadas no estudo foram pesquisas por meio de questionários para diferentes oficiais em faixas variadas de antiguidade, buscando entender o que pensam e o que esperam de um oficial subalterno, o que observam de negativo e positivo na sua formação e quais sugestões eles dariam para aprimorar esta formação. Além disso, foram realizados inúmeros debates dentro do grupo de estudo, a cerca de temas variados levantados por nós e por outros militares, nos quais nos debruçamos a partir de nossas próprias experiências, expectativas, frustrações e ideais, tendo em vista sermos um grupo formado somente por oficiais subalternos, de variadas origens formativas e faixas de antiguidade.

Para a conclusão deste estudo buscou-se entender como pensa o atual oficial subalterno do CFN, como se situa no campo da moral, das virtudes e da doutrina, como deve ser o oficial subalterno do CFN do futuro e sugerir possíveis mudanças no ciclo de formação dos oficiais, levando em consideração a demanda existente por parte das atividades práticas e profissionais que são realizadas, tanto em adestramentos como em missões reais, nas diversas Unidades do CFN; as expectativas, frustrações e anseios apresentados pelos oficiais subalternos no que tange à realidade vivida durante todo o período como Fuzileiro Naval (FN); a comparação entre os currículos e ciclos operativos do CFN com o de outras Forças, tanto nacionais quanto internacionais, de natureza correlata; e os motivos apresentados por ex-oficiais do CFN para terem pedido o desligamento do Serviço Ativo da Marinha (SAM).

O período de formação

Escola Naval (EN) e Centro de Instrução Almirante Wandenkolck (CIAW)

Começamos a análise da formação levantando as disciplinas que fazem parte da grade curricular dos Fuzileiros Navais da EN/CIAW. Observamos

que a carga acadêmica relativa às disciplinas da modalidade do ensino básico, no seu conjunto, possui carga horária maior do que as do ensino profissional, na qual se inserem as disciplinas voltadas às atividades de Fuzileiros Navais. Além disso, no âmbito da modalidade do ensino profissional estão inseridas disciplinas técnicas, do ramo das exatas, que fazem parte de diversas cadeiras profissionais integrantes de faculdades civis. O mais relevante desse fato é observar que o conjunto da carga horária definida para estas disciplinas, em sua totalidade, é maior do que a carga horária das matérias específicas para a formação do fuzileiro naval. Por exemplo, no 3º ano de formação do aspirante fuzileiro naval, a única matéria específica da arma é a chamada Instrução Básica para o Combate (IBC), com carga horária de 283 horas, ao passo que a carga horária conjunta das outras disciplinas pertencentes à modalidade em lide somam 364 horas, no mínimo.

Posto isto, aprofundamo-nos na importância que essas matérias representam para o efetivo exercício da carreira. Em um primeiro momento, realizamos pesquisas de opinião com os titulares de Organizações Militares (OM) que usualmente recebem os 2º Tenentes recém formados, com sete turmas de oficiais subalternos e com os Aspirantes da Escola Naval os quais intencionam pertencer ao CFN e já fazem parte do Corpo. As seguintes pesquisas tiveram como objetivos gerais entender qual a visão que se possui a cerca de um Tenente Fuzileiro Naval no que tange ao seu dia a dia, às suas tarefas, às suas atribuições e ao que lhe é demandado, e se o ciclo formativo foi de grande relevância na preparação para os desafios atinentes à sua profissão.

A partir dessa pesquisa, conseguimos montar um panorama geral do idealismo relativo aos anseios dos Aspirantes, da experiência factual dos Tenentes que já servem nas diversas OM do CFN e do que um Comandante de OM espera que seus Oficiais Subalternos possuam como características profissionais e morais. Dentre os Oficiais Subalternos que responderam ao questionário, 70% acreditam que sua formação não atendeu às demandas da carreira. Durante a pesquisa, foi levantado que a formação do fuzileiro naval na Escola Naval deveria focar mais no ensino das atividades administrativas, o que demonstra ser preocupante, visto que a maior busca mostrada deveria ser pelas atividades operativas.

É comprovado por experiência própria dos integrantes deste grupo de pesquisa que o grau de dificuldade relativo às disciplinas nos quatro anos do ciclo escolar da EN é bastante discrepante entre si, tendendo à maior complexidade nas matérias descritas como exatas que, basicamente, integram o currículo formativo de faculdades de engenharia diversas, enquanto que tende à menor dificuldade o restante das matérias, incluindo-se nestas as específicas da formação do fuzileiro naval. É fato que, por conta disso, os Aspirantes passam a priorizar as disciplinas exatas, deixando de lado o estudo que mais importa para a execução das suas tarefas e funções futuras como fuzileiro naval. Parece-nos impróprio a realidade de que um futuro FN não foque no aprendizado daquilo que ele escolheu para o resto da sua vida por conta da sobrevivência no ciclo formativo da EN. Se for para que a cobrança na formação seja dura, que seja naquilo que realmente será executado, e não em atividades e conhecimentos que agregam pouco ao conhecimento específico de doutrinas e práticas como fuzileiro naval. São longas horas usadas em estudos gradativos e contínuos das matérias do ramo da engenharia desde o 1º ano da EN que, em um futuro não muito distante, não terão aplicação prática na vida profissional do Oficial Subalterno. Comenta-se bastante sobre os benefícios que estas disciplinas trazem para o oficial, como o raciocínio rápido e pensamento lógico aguçado, porém perguntamos: será que não existe outra forma de incentivar e aprimorar essas habilidades que esteja em consonância com a atividade do fuzileiro naval? Dentre todas as capacidades existentes no largo leque de atividades navais não existe nenhuma na qual o estudo e a cobrança assíduos não desenvolva aquelas? Acreditamos que a própria cobrança exigida por parte da formação do fuzileiro naval já fornece a oportunidade de aprimorar esse tipo de capacidade, em virtude da necessidade de executarmos planejamentos, muitas vezes, com pouco tempo e tomarmos decisões rápidas em ambientes de alto estresse.

Cabe ressaltar o que se busca com o presente trabalho não é uma mudança drástica na formação da EN/CIAW, mas sim uma adequação coerente do que se ensina em relação ao que se faz e aplica. O ensino deve ser não só eficaz, mas também, e principalmente, eficiente, pois isso representa economia de tempo e dinheiro para a Instituição,

visto que o aprendizado por meios de estágios de qualificação técnica ou cursos poderia ser lecionado no momento da formação do fuzileiro naval, época mais adequada levando em consideração a fase da vida e da profissão do militar.

Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC)

Nesse momento, analisamos a segunda etapa da formação do oficial fuzileiro naval, que ocorre durante o Curso da Aperfeiçoamento em Guerra Anfíbia e Expedicionária (C-Ap-GAnfE), comumente conhecido como “GAnf”. Utilizamos, novamente, a grade curricular do curso para nosso estudo, analisando à luz das atividades operativas realizadas a bordo, bem como comparando com a grade curricular de cursos homólogos em outras forças, tanto nacionais como internacionais.

Chegamos a conclusão que a formação oferecida pelo CIASC no primeiro ano como Oficial Subalterno é bastante completa no que tange à arma de Infantaria. Obviamente que o curso também envolve as funções exercidas pelas praças em suas funções dentro de um Pelotão de Infantaria, porém isso serve como um complemento para o entendimento da manobra por parte do Comandante do Pelotão.

Entretanto, a ressalva existente remete à finalidade do curso para o jovem oficial. Sabemos que a maioria das vagas dentro da Força estão voltadas para os Batalhões de Infantaria, mas não podemos esquecer que os Oficiais os quais escolhem por outras Unidades acabam tendo toda essa gama de conhecimento quase que inutilizada, visto não atuarem dentro da área. É fato que o C-Ap-GAnfE é um curso de infantaria por essência, ainda que tenha sido alterado recentemente para tentar englobar outras atividades também necessárias ao Oficial Subalterno, fato este que não muda sua natureza.

Sendo assim, por que não alterar essa formação para tornar cada oficial o mais capacitado possível dentro da sua arma de escolha, a partir do início de sua vida operativa? Essa foi uma sugestão recebida por meio de questionários com oficiais subalternos, os quais comentaram que, em raras exceções, nunca utilizaram os conhecimentos obtidos durante o curso na sua vida operativa, salvo os que ingressaram na Infantaria. Teríamos inúmeros ganhos com isso, desde a eficiência na

formação, diminuição de gastos, até o principal: oficiais mais bem preparados dentro de cada Unidade de sua escolha.

Além disso, outro tópico levantado foi a mudança ocorrida em 2018, em que o antigo C-Esp-GAnf, o qual era realizado no ano seguinte ao ano de formação, como Guarda-Marinha (GM), dividiu-se em dois, sendo uma parte realizada como GM e outra parte realizada no primeiro ano de Segundo Tenente. Tem-se observado um prejuízo nesse formato de realização do curso, visto que o oficial demora muito mais tempo para, literalmente, ingressar na sua vida operativa dentro das Unidades. Isso acarreta consequências negativas tanto para as Unidades como, principalmente, para o militar, que já não consegue mais acompanhar todo o ciclo operativo de sua Unidade, muitas vezes chegando despreparado em exercícios e manobras mais complexas, ocorridas no 4º trimestre. Além disso, chegando o segundo ano a bordo, esse tenente já começa a concorrer para inúmeras indicações para outras Unidades.

Avaliação do questionário

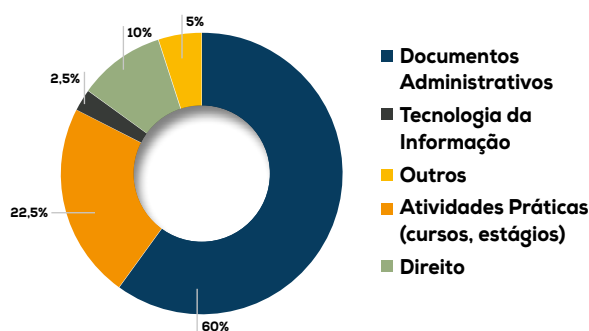
A partir dos questionários realizados com os atuais oficiais subalternos, com os Aspirantes do 1º e 2º anos e com os Aspirantes do turno fuzileiro naval do 3º e 4º anos da Escola Naval, levantamos as principais preocupações e críticas à cerca da formação fornecida pela EN. Dividimos em duas categorias de tarefas técnicas: as operativas e as administrativas.

Em relação às questões operativas, os relatos foram sobre a grande quantidade de matérias da grade curricular da Escola Naval que não agregam conhecimentos teóricos ou práticos que sejam de necessários ou até que auxiliem na execução das atividades e tarefas de um oficial nos anos iniciais. Além disso, também foi levantada a necessidade de mais atividades práticas, visto que, ainda que existam matérias do âmbito dos Fuzileiros Navais e também ocorram os exercícios no terreno, a percepção geral é a de que a compreensão exata da aplicação teórica no terreno não é possível apenas com as atividades propostas no curso.

No que tange ao currículo, os relatos foram de que, já inicialmente, a divisão do turno FN nas habilitações em eletrônica, máquinas e sistema de armas

não tem efeito efetivo na formação. Corroborando com a manutenção de um ciclo formativo paralelo a uma formação de engenharia, que por conta de sua complexidade e dificuldade, traz para si o foco e a prioridade de estudo do Aspirante, já que ele precisa, a princípio, ser aprovado no ciclo formativo da Escola Naval para vir, finalmente, atuar como um fuzileiro naval. Em decorrência disso, observa-se um detrimento no estudo de matérias especializadas de FN, o que não é coerente.

Figura 1: Tópicos citados na pesquisa



Fonte: O autor.

Quanto ao tópico das atividades práticas, o relatado foi que o efetivo entendimento que decorre da prática não acontece, ainda que a compreensão teórica da doutrina tenha ocorrido. Aparentemente, os exercícios no terreno da Escola Naval trazem uma compreensão parcial da doutrina relativo à aplicação daquilo que foi ensinado em sala de aula, em virtude de não apresentarem uma proximidade com a realidade vivida na vida operativa. Entende-se que existe um foco maior no incremento da rusticidade do fuzileiro naval em detrimento do real entendimento da execução da atividade. O entendimento da importância da rusticidade para o fuzileiro naval, fator primordial para a manutenção da capacidade expedicionária bem como da velocidade e agressividade das nossas ações, existe, na sua maioria, entre os oficiais que responderam ao questionário. Ainda assim, fica clara a opinião coletiva de que o real entendimento da doutrina associado à prática fica prejudicado.

Uma oportunidade de melhoria sugerida para o caso anteriormente citado seria de os aspirantes fuzileiros navais, em momentos diversos durante a formação, participarem de eventos, adestramentos ou até mesmo missões em âmbitos externos à Escola Naval. Dentre as sugestões, a inserção do turno FN do 4º ano em manobra operativa logo após o estudo da respectiva matéria em sala de

aula. Com isso, ainda como aspirante, o Oficial teria obtido uma consciência situacional maior em relação ao que é esperado de um tenente e como deve ser o trato geral com seus subordinados.

O que ressalta essas demandas é o entendimento de que o tenente FN é vocacionado para a área operativa, para o contato e para a manobra com os homens e, futuramente, mulheres que compõem sua tropa. Sendo assim, o maior preparo que pode ser proporcionado para o futuro oficial encontra-se no contexto prático, seja no campo operativo quanto no administrativo.

Cabe ressaltar que essas sugestões não levam em consideração as contingências logísticas ou administrativas, somente as considerações voltadas para a formação operativa básica do fuzileiro naval.

Voltando nossas vistas para as questões administrativas, foram quase que unânimes as demandas de aprendizado relativas aos conhecimentos necessários para a realização de procedimentos administrativos tanto internos, como disciplinares. Entende-se que essas tarefas realizadas atualmente não deveriam fazer parte do escopo de atividades de um oficial subalterno, pelo menos não nos anos iniciais, e não com a frequência observada. O mesmo entendimento se aplica ao uso dos sistemas de comunicação da Marinha do Brasil, como Sigdem e Zimbra. Reiterando, as atuações supracitadas não deveriam, no geral, estar nas mãos de oficiais subalternos, mas as circunstâncias do efetivo atual acarretam isso.

Nesse contexto, cabe ressaltar que seremos todos, enquanto oficiais, a partir do meado de nossas carreiras, puramente administradores/gerenciadores, seja de homens ou de crises. O caráter operativo da nossa atividade, no que tange à sua natureza combativa presente nas linhas de frente dos confrontos, limita-se aos primeiros postos do oficialato, substituindo-se a partir do posto de Oficial Intermediário.

Constatamos, faz alguns anos, são tenentes assumindo funções não condizentes com a fase atual de suas vidas profissionais, como oficiais de Estado-Maior ou Comandantes de Companhia. Obviamente que não existe vácuo de poder e, justamente por isso, buscaremos sempre desempenhar nossas tarefas conforme nos for determinado, porém é inegável que perdemos o ímpeto de um Oficial Subalterno em seus primeiros anos.

A solução para essa problemática não é imediata, porém para uma estimativa de tempo de 10 a 12 anos, já que seria necessário ampliar o número de vagas para os Oficiais Fuzileiros Navais, sejam aqueles oriundos de Escola Naval ou os do Quadro Complementar. Com essa medida, teríamos a partir da base da pirâmide uma correlação mais coerente entre as funções e atividades com o posto.

Aproveitando o tópico, ressaltamos também outro ganho que o CFN obteria com o aumento do efetivo a partir da formação: a redução do número de baixas dentre os Oficiais. Por incrível que pareça, os relatos obtidos a partir do questionário com Oficiais que foram de baixa mostra que a carga grande de tarefas para o diminuto efetivo observado dentro das unidades foi um dos motivos que acarretou a busca por outra profissão, mesmo depois de oito longos anos de formação. Ainda que a maioria continuasse “vibrando” e respeitando a Instituição, a circunstância vivida não era mais condizente com suas próprias buscas.

Figura 2: Aspirante da Escola Naval do seguimento feminino



Fonte: O autor.

Desafios para o futuro

O grupo, por meio de discussão, chegou a conclusão sobre os principais desafios para a formação do Oficial Subalterno para o Corpo de Fuzileiros Navais do futuro, levantando os desafios conforme descrito abaixo.

O avanço da tecnologia

Conforme os exemplos atuais observados nas guerras ocorridas na Eurásia e no Oriente Médio,

a guerra do futuro já chegou. Observamos a utilização de armamentos extremamente avançados e eficientes, os quais proporcionam danos extremos ao oponente, ao passo que o atacante se mantém seguro e ileso de qualquer dano.

Nesse contexto, torna-se fundamental a utilização de Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP), ou mais vulgarmente conhecidas como drones. Aeronaves pequenas, na maioria das vezes impossíveis de serem enxergadas a olho nu, mas que trazem um poder destrutivo imenso. Com a capacidade de atuar tanto como um armamento, como uma ferramenta de reconhecimento e vigilância, os ARP começam a substituir as tropas no terreno, mostrando-se mais eficientes no cumprimento tanto de tarefas simples, como acompanhar um determinado alvo de importância, como tarefas mais complexas, como realizar um tiro de precisão ou um lançamento de explosivos em posições preestabelecidas.

Além disso, a utilização cada vez mais frequente de Inteligências Artificiais (IA) em conjunto com os armamentos, como tem sido bastante observado na Faixa de Gaza, traz preocupação. Avanços tecnológicos têm tornado possível a automatização dos conflitos por meio da integração de drones e mísseis com IA altamente avançadas, causando grandes danos ao custo de dólares, em vez de vidas humanas.

Esses exemplos demonstram a importância de estudar, entender e investir nos diferentes tipos de armamentos criados.

O incremento do efetivo feminino no CFN

Já faz alguns anos que a Marinha, bem como outras Forças nacionais e internacionais, vem incrementando suas fileiras com efetivo feminino. É um marco para o nosso Corpo, visto a atual tendência global na maior participação feminina em diferentes ramos da sociedade, ademais essa mudança deve continuar ocorrendo gradualmente.

É fato que o ambiente militar é essencialmente masculino desde seus primórdios, em virtude de todas as agruras, provações e demandas físicas e psicológicas que esse ambiente impõe aos seus combatentes, e assim continua se mantendo independente da natureza do conflito armado que venha a ser estabelecido. Entretanto, as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço no ambiente

militar, o que não deve ser visto com maus olhos, desde que a natureza bélica do Corpo e dos seus combatentes não seja alterada ou enfraquecida.

Devemos lembrar que, enquanto militares, somos todos ensinados a agir em uniformidade, com ordem, baseados sempre na hierarquia e disciplina. Isto posto, torna-se essencial que a mentalidade militar englobe, naturalmente, a visão comum de homens e mulheres servindo no mesmo espaço, ombreando lado a lado em adestramentos, manobras ou missões reais, percebendo-se não pelo gênero masculino ou feminino enquanto militares, mas sim como combatentes que são, passando pelos mesmos desafios e superações, possuindo as mesmas tarefas, correspondendo igualmente às determinações conforme o profissionalismo que a Força exige.

Efetivo reduzido

Um outro desafio tanto para o atual momento vivido como, mais ainda se prospecta, para o futuro é o número de Oficiais Subalternos formados e servindo nas OM. Mediante pesquisa e análise da Tabela de Lotação das OM que recebem Oficiais Subalternos oriundos de EN e CIAW, observamos grandes discrepâncias. É fato que no passado os efetivos formados eram suficientes para o número de tarefas e atividades exercidas a bordo das OM, porém os tempos mostram-se outros. O avanço da tecnologia tem alterado os parâmetros das demandas a bordo; novos encargos colaterais e tarefas não correlatas com a pura atividade bélica tem despendido cada vez mais o tempo dos oficiais.

Isso gera alguns problemas para a oficialidade, visto que o número de tarefas tende a crescer, enquanto temos observado que o número de oficiais formados tem diminuído, o que, a curto prazo, poderá trazer consequências no desempenho, dedicação e motivação dos oficiais como um todo.

Non Contact Warfare

Vale ressaltar sobre a guerra atual conduzida no ambiente informacional, bastante impulsionada, mais recentemente, porém possuindo raízes já na Guerra do Vietnã. Nesse contexto, surge o emergente conceito de *Non Contact Warfare* (Guerra Sem Contato), que reúne três tipos de guerra altamente empregadas nos tempos atuais: Guerra Psicológica, Guerra Midiática e Guerra da Lei.

Vemos como um desafio porque esses três conceitos, de uma forma ou de outra, tem moldado não só como a guerra é feita, mas também como as relações internacionais e interpessoais tem ocorrido. Além disso, não somos ensinados sobre o que significam, como ocorrem e como devemos agir mediante cada contexto.

Figura 3: Guerra sem contato – armando as redes sociais



Fonte: Nichols et al. (2021).

A manutenção da motivação

Temos total consciência de que a motivação é um impulso interior, que reside em cada indivíduo e que cabe a este alimentá-lo e trazê-lo à tona na execução de suas tarefas e no seu dia a dia profissional, porém é fato que o nosso ambiente favorece ou não a manutenção dessa motivação por parte de cada militar. Por isso, entendemos como o último desafio elencado o fator da motivação do oficial subalterno na atualidade.

Em conversas e pesquisas realizadas com variados tenentes, percebemos que o acúmulo de tarefas administrativas em excesso, por ocasião da falta de efetivo, a rotina muitas vezes incerta, a ausência de missões de cunho real, a pouca oferta de especialização em cursos, e as poucas oportunidades de adestrar eficientemente nos adestramentos e nas manobras têm levado a um grande sentimento de desmotivação. É claro que não podemos aceitar todas as reclamações realizadas, visto que algumas não possuem fundamento, o que acaba confundindo uma possível e genuína insatisfação demonstrada ausência de maturidade e ausência de valores militares, porém alguns casos mostram-se como verdadeiros e fundamentados.

Essa questão tem raízes em outros problemas, como por exemplo, a personalidade, de forma geral, da atual geração, a qual busca cada vez mais o máximo de ganho com o mínimo de es-

forço, além de não demonstrar possuir as virtudes inerentes ao que se exige no militarismo. Consequentemente, teremos militares que enxergam a carreira somente como um cabide de emprego, um funcionalismo público, ao passo que deveria ver como um estilo de vida, uma profissão honrada.

Entende-se que, para evitar o fomento dessas lamúrias naqueles que ainda possuem o fogo sagrado, alguns pontos poderiam ser repensados e analisados.

Sugestões/Oportunidades de melhoria

Para findar este artigo, trazemos algumas ideias concluídas pelo grupo acerca de alguns pontos levantados durante a pesquisa, seja por meio dos questionários realizados como por conclusões alcançadas pelo grupo.

- Revisão do currículo da Escola Naval/CIAW: após a análise, concluiu-se que seria de grande valia para a boa formação dos futuros oficiais uma revisão do currículo, levando em consideração literalmente aquilo que proporcionará as capacidades e os fundamentos necessários para a execução das atividades inerentes à natureza do fuzileiro naval.
- Acabar com a separação dos turnos FN da Escola Naval em habilitações: essa ação corroboraria para a revisão dos currículos da Escola Naval, o que traria espaço para incrementar o foco nas atividades educacionais mais coerentes com as demandas exigidas ao longo da carreira.
- Aumento do efetivo: ao analisar o efetivo de oficiais subalternos atualmente, percebemos que é primordial que ocorra um acréscimo do efetivo. Como exemplo, levamos em consideração um turno de Escola Naval com 30 aspirantes. Caso ocorra um aumento de somente 10% a 20% nesse efetivo, já teremos um acréscimo, ao longo de seis anos de vida operativa de um oficial subalterno, de 18 a 36 tenentes, o que para as OM subordinadas à FFE mostra-se como um solucionador de inúmeros problemas.
- Incremento de atividades práticas para os Aspirantes Fuzileiros Navais: mediante os questionários realizados, observamos que existe uma demanda muito grande por mais ativi-

“Leva-se tempo até uma reformulação ou readequação do que já existe, porém nosso papel durante essa pesquisa foi trazer, a partir de experiências pessoais, questionários, análises e comparação de outras Forças, os levantamentos e as discrepâncias observados no que tange à formação do Oficial fuzileiro naval.”

dades práticas durante os anos de formação como FN. Por isso, levantamos as sugestões de inserir os Aspirantes em algumas manobras do Ciclo de Adestramento da FFE, bem como incentivar o uso, para fins de adestramento, dos diversos simuladores e pistas existentes nas OM dos diversos Complexos Navais.

- Realizar um estudo sobre o C-Ap-GAnfE: as evoluções que vem ocorrendo nos cursos de carreira dos Oficiais Fuzileiros Navais têm sido cada vez mais benéficas, porém observamos que existem grandes oportunidades de melhoria no que tange ao nosso Curso de Aperfeiçoamento. Com o novo formato, os novos tenentes tiveram sua apresentação nas OM atrasada, o que os impede de concluir um ciclo completo de adestramento, além de chegarem em momentos já muito avançados no contexto das manobras.

Para realizar uma coerente adequação entre a necessidade formativa, a necessidade das OM e a própria necessidade do oficial, fornecemos a seguinte visão: após a chegada da Viagem de Instrução, todo o turno seria distribuído entre os Batalhões de Infantaria no início do ano, fim servir, o que lhes proporcionaria a experiência de infantaria que, em tese, busca-se com o C-Ap-GAnfE. Após esse período, no segundo ano como 2º tenente, o Oficial realizaria a escolha de qual OM quer servir para, assim, ser movimentado para o CIASC para cumprir o Curso de Aperfeiçoamento específico de sua arma. Com isso, a formação se tornaria mais eficiente, com menor perda de tempo e de recursos tanto materiais como humanos.

- Introdução do ensino básico sobre as tecnologias aplicadas às guerras: como comentado anteriormente, o conflito armado atual não existe mais sem a tecnologia. Por isso, vê-se como primordial que o Oficial entenda, ao menos, quais são as tecnologias aplicadas na atualidade, como elas funcionam e como poderiam ser aplicadas doutrinariamente nos diferentes níveis de condução do conflito. Esse ensino poderia ser implementado durante o Curso de Aperfeiçoamento, visto que sua natureza é mais teórica, por hora.
- Introdução do ensino sobre o contexto das Operações de Informação: é fundamental que o Oficial entenda como a guerra da informação se dá, e saiba como reagir mediante uma ameaça dessa natureza. Já existem cursos e estágios de qualificação nessas áreas, porém concluímos que é importante, mesmo o oficial que não venha a trabalhar diretamente com esse tipo de operação, entender, basicamente, o que é e como funciona.

Entendemos que tudo o que foi falado não possui ação ou resultados imediatos. Leva-se tempo até uma reformulação ou readequação do que já existe, porém nosso papel durante essa pesquisa foi trazer, a partir de experiências pessoais, questionários, análises e comparação de outras Forças, os levantamentos e as discrepâncias observados no que tange à formação do Oficial fuzileiro naval, para tanto o quanto melhor e mais eficiente for essa formação, mais forte e eficaz será o nosso Corpo de Fuzileiros Navais.



Referências

BRASIL. Marinha. Comando do Pessoal de Fuzileiros Navais. Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo. Departamento de Cursos Operacionais. **Currículo do Curso de Aperfeiçoamento de Guerra Anfíbia e Expedicionária**. Rio de Janeiro: CIASC, 2022.

BRASIL. Marinha. Diretoria de Ensino. **Currículo do Curso de Formação de Oficiais e Estágio de Aplicação de Oficiais**. Rio de Janeiro: DensM, 2022.

BRASIL. Marinha. Diretoria de Ensino. **Currículo dos Cursos de Graduação de Oficiais**. Rio de Janeiro: DensM, 2022.

BURGESS, Matt. **Small drones are giving Ukraine an unprecedented edge**. New York, 6 May 2022. Disponível em: <https://www.wired.com/story/drones-russia-ukraine-war/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ESTADOS UNIDOS. United States Marine Corps. **MCDP-7: learning**. Washington, DC: USMC, Feb. 2020.

ESTADOS UNIDOS. United States Marine Corps. **MCWP-6-10: leading marines**. Washington, DC: USMC, Jan. 2019.

MERCHANT, Brian. Column: we don't know how Israel's military is using AI in Gaza, but we should. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 02 Nov. 2023. Disponível em: <https://www.latimes.com/business/technology/story/2023-11-02/column-how-is-israels-military-using-ai-in-gaza>. Acesso em: 19 dez. 2023.

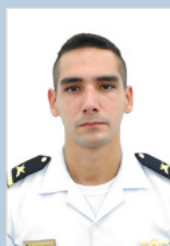
MOHAR, Chatterjee. Israel's appetite for high-tech weapons highlights a Biden policy gap. **Politico**, Arlington, 2023. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2023/11/25/israel-hamas-war-ai-weapons-00128550>. Acesso em: 19 dez. 2023.

NICHOLS, Randall K. et al. **Disruptive technologies with applications in Airline, Marine, Defense Industries**. Manhattan: New Prairie Press, 2021. Disponível em: <https://kstatelibraries.pressbooks.pub/unmanned5/front-matter/introduction/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

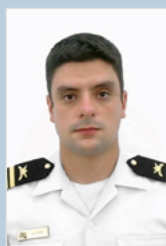
SHERMAN, Jason. Drone-on-Drone combat in Ukraine marks a new era of aerial warfare. **Scientific American**, New York, 3 Apr. 2023. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/drone-on-drone-combat-in-ukraine-marks-a-new-era-of-aerial-warfare/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Colaboradores

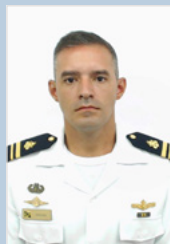
Integrantes do Grupo de Trabalho:



1ºTen (QC-FN) **Felipe Bernardo**



1ºTen (QC-FN) Bruno **Elyezer Fonseca**



1ºTen (FN) **Rickard Botelho do Nascimento**



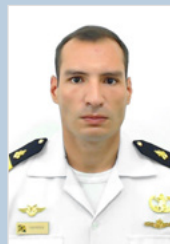
1ºTen (FN) Cleiton Silva **Pimentel**



1ºTen (AFN) Cristiano **Basilio de Souza**



1ºTen (AFN) José **Amaro de Melo**



1ºTen (FN) Yan Motta de **Vasconcelos**